

Traído, Contestado, Perseguido: Uma Análise Sistemática da Jornada de Jesus Cristo

Introdução: A Jornada de Sofrimento e Triunfo do Messias

A vida de Jesus Cristo, embora resplandecente em milagres e ensinamentos transformadores, foi também uma jornada de profunda adversidade. Ele enfrentou não apenas a oposição aberta, mas também a dor da traição íntima e a perseguição implacável por parte das autoridades religiosas e políticas de Sua época.

Esses aspectos não são meros detalhes biográficos; eles são intrínsecos ao Seu propósito redentor e revelam a profundidade de Sua humanidade e a soberania de Sua divindade.

Este estudo sistemático busca mergulhar nas narrativas bíblicas que descrevem a traição, contestação e perseguição de Jesus. O objetivo é não apenas relatar os fatos, mas também extrair lições atemporais sobre a natureza do pecado, a fidelidade divina e o caminho do verdadeiro discipulado. Ao final, espera-se que o leitor compreenda mais profundamente o sacrifício de Cristo e encontre encorajamento para enfrentar suas próprias adversidades com fé e esperança.

1. O Desgosto da Traição: Um Olhar Profundo sobre Judas Iscariotes

A traição de Judas Iscariotes é um dos eventos mais dolorosos e significativos na narrativa da paixão de Cristo. O Senhor Jesus, em Sua onisciência, estava ciente de que Judas O trairia. Ele chegou a advertir Judas, expressando a gravidade do ato com a declaração: "mas ai daquele homem por quem o Filho do homem é traído! bom seria para esse homem se não houvera nascido" (Mateus 26:24).

Essa previsão é detalhada nos quatro Evangelhos canônicos, especialmente durante a Última Ceia.¹ Antes mesmo da ceia, Jesus já havia aludido à natureza de Judas, indicando que um dos doze era "um demônio".¹

Judas, apesar de ser um discípulo próximo e um apóstolo escolhido, permitiu que influências malignas penetrassem em seu coração. A Bíblia aponta para a influência de Satanás como um fator crucial em sua decisão de trair Jesus.²

A recusa de Judas em se arrepender abriu a porta para que o pecado dominasse seu coração e, conseqüentemente, para que Satanás entrasse nele [João 13:27]. A narrativa bíblica não isenta Judas de culpa, apesar da previsão divina. Isso indica que o conhecimento prévio de Deus não anula a capacidade de escolha moral do indivíduo.

A traição, embora prevista, foi um ato de vontade de Judas, que tinha a capacidade de resistir à tentação.² A dualidade entre a presciência divina e o livre-arbítrio humano é um aspecto intrigante aqui, mostrando que o plano soberano de Deus se integra às escolhas humanas de maneira misteriosa.

O acordo para entregar Jesus foi selado por "trinta moedas de prata" (Mateus 26:15). Este valor não foi arbitrário, mas cumpriu precisamente a profecia de Zacarias 11:12-13.³ Na cultura hebraica da época, 30 moedas de prata era o preço de um escravo ferido por um boi (Êxodo 21:32).⁴ Este fato sublinha uma profunda declaração teológica: Jesus foi avaliado e vendido como um escravo, uma condição que Ele assumiu voluntariamente por amor à humanidade, a fim de nos libertar da escravidão do pecado (Filipenses 2:6-7; Isaías 53:5).⁵

A humilhação de Cristo foi, portanto, profeticamente prefigurada no preço de Sua traição. A profecia de Zacarias e o preço de um escravo convergem para demonstrar que, desde o Antigo Testamento, Deus já havia delineado a profundidade da condescendência de Seu Messias, que se tornaria um "resgate por muitos" (Marcos 10:45).⁷

Em termos de poder de compra, 30 moedas de prata representavam um valor significativo, mas não exorbitante. Um denário, que era o salário de um dia de trabalho ⁹, pode ajudar a contextualizar.

Algumas fontes modernas especulam que 30 moedas de prata poderiam valer cerca de 3.000 dólares em valor atualizado.¹¹ Isso reforça a ideia de que, embora não fosse uma fortuna, era um valor considerável para a época, talvez o salário de alguns meses de trabalho para um trabalhador comum.

Característica	Detalhes
Valor Bíblico	30 moedas de prata
<i>Tabela 1: O Valor da Traição: As 30 Moedas de Prata</i>	

A tabela acima oferece uma visualização imediata do valor das 30 moedas de prata, um número central na narrativa da traição. Isso ajuda a quantificar algo que, de outra forma, seria abstrato.

Ao incluir o "preço de um escravo", a tabela contextualiza o valor dentro da lei mosaica e da cultura da época, revelando a humilhação implícita na transação. Isso reforça a ideia de que Jesus foi "vendido" como um objeto, um servo, o que tem profundas implicações teológicas sobre Sua kenosis e sacrifício.⁴

A inclusão de uma estimativa de valor atual, com a devida ressalva de que é uma conversão aproximada e o poder de compra é mais importante, ajuda o leitor moderno a ter uma noção mais concreta do montante, tornando a traição mais tangível em termos financeiros.

Judas, sentindo remorso, devolveu as 30 moedas de prata aos sacerdotes, que as usaram para comprar o "Campo do Oleiro" como cemitério para estrangeiros (Mateus 27:7).¹² Este campo, conhecido como Aceldama (Campo de Sangue), era rico em argila e usado por oleiros.¹³ Seu nome "Campo de Sangue" foi dado devido ao dinheiro manchado pela traição.¹³ Tradicionalmente, Judas teria se enforcado neste local, no Vale do Hinom (Geena), perto de Jerusalém.¹⁴

A destinação do dinheiro da traição para a compra de um cemitério para estrangeiros é uma ironia profunda: o preço do sangue inocente de Jesus, rejeitado pelos líderes religiosos, é usado para um propósito que, embora prático, carrega o peso da maldição.

Isso reflete a incapacidade do pecado de gerar vida e a forma como o mal, mesmo quando tenta subverter o bem, acaba por cumprir, ainda que perversamente, os desígnios de Deus. A compra do campo do oleiro com o dinheiro da traição é um testemunho silencioso da injustiça e da condenação dos traidores.¹²

A traição de Judas Iscariotes é comparável à traição de Aitofel contra o rei Davi, lamentada no Salmo 41:9: "Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar".¹⁵ Jesus mesmo cita o Salmo 41:9 em João 13:18, indicando que a traição de Judas cumpria essa profecia, assim como Aitofel é lembrado como um traidor.¹⁵

A comparação entre Judas e Aitofel revela um padrão bíblico de traição vinda de círculos íntimos. Isso não é apenas uma coincidência histórica, mas um tema teológico que ressalta a dor da traição mais profunda – aquela vinda de alguém próximo e confiável.

Para Jesus, que era o "amigo íntimo" de Judas, a traição de um discípulo escolhido amplifica a dimensão do sofrimento e da rejeição, ecoando o lamento de Davi. Isso nos lembra que a dor da traição é uma experiência humana universal, mas no caso de Jesus, ela era parte integrante do plano divino para a redenção.

O ato de traição de Judas serve como um paralelo sombrio para os crentes que, nos dias de hoje, "voltam atrás", negando ao Senhor e profanando o valor redentor de Seu sangue (Hebreus 10:29). É um alerta sobre a seriedade da apostasia e a necessidade de vigilância espiritual.

2. Amado e Aborrecido: As Reações Contrastantes a Jesus

A vida e o ministério de Jesus Cristo foram marcados por reações extremas e contrastantes: amor e adoração por parte de muitos, e ódio e aborrecimento por parte de outros, especialmente os líderes religiosos.

A ressurreição de Lázaro, que estava morto havia quatro dias (João 11:43-44), foi um milagre inegável que revelou Jesus como o "Doador da vida".¹⁷ Enquanto muitos judeus que testemunharam o milagre creram em Jesus, outros foram relatar o ocorrido aos fariseus, desencadeando uma reunião do Sinédrio para decidir o que fazer com Jesus (João 11:46-47).¹⁷

A preocupação dos líderes religiosos era que, se Jesus continuasse a operar tais sinais, "todos depositarão fé nele, e os romanos virão e tirarão tanto o nosso lugar como a nossa nação" (João 11:48).¹⁹ Por isso, eles conspiraram para matá-lo, e até mesmo Lázaro (João 12:9-11).¹⁷ A ressurreição de Lázaro foi uma manifestação clara do poder divino de Jesus.

No entanto, para os líderes religiosos, em vez de gerar fé, esse evento intensificou o ódio e a conspiração para matar Jesus.¹⁹ Isso demonstra uma profunda cegueira espiritual: a luz da verdade, quando confrontada com interesses pessoais, poder e tradições humanas, pode ser percebida como uma ameaça e não como salvação. A preocupação

com a perda de "lugar" e "nação" (João 11:48) revela que o foco deles estava no controle terreno, e não na glória de Deus.

Em Betânia, na casa de Simão, o leproso, uma mulher (identificada como Maria em João 12:3) ungiu Jesus com um perfume caríssimo de nardo puro, quebrando o vaso de alabastro (Marcos 14:3).²¹ Esse gesto de adoração e gratidão provocou indignação em alguns, incluindo Judas Iscariotes, que o consideraram um "desperdício", argumentando que o perfume poderia ter sido vendido por trezentos denários e o dinheiro dado aos pobres (Marcos 14:4-5).²¹

Jesus defendeu a mulher, afirmando que ela havia feito uma "boa ação" para Ele, antecipando Sua sepultura, e que "os pobres, sempre os tendes convosco, e podeis fazer-lhes bem, quando quiserdes; mas a mim nem sempre me tendes" (Marcos 14:6-7).²¹ Um denário era o salário de um dia de trabalho.⁹ Portanto, 300 denários representavam o salário de quase um ano de trabalho ⁹, um valor considerável.

A unção em Betânia expõe a tensão entre a adoração extravagante e a mentalidade "prática" ou "utilitária". Aqueles que criticaram o "desperdício" do perfume perderam o ponto central: o amor e a devoção genuínos a Cristo. Judas, em particular, tinha motivos egoístas, sendo ele um ladrão (João 12:6).²²

Jesus valorizou a "boa ação" da mulher como um ato profético de preparação para Sua morte ²¹, contrastando com a frieza espiritual e a hipocrisia dos críticos. Isso ensina que a verdadeira adoração muitas vezes transcende a lógica humana de custo-benefício e se manifesta em sacrifício e devoção incondicional.

Jesus também observou os ricos lançarem grandes ofertas na arca do tesouro do templo, mas elogiou a viúva pobre que lançou "duas pequenas moedas" (Lucas 21:1-2). Ele declarou que ela havia lançado mais do que todos, pois deu "tudo o que possuía, tudo que tinha para viver" (Lucas 21:3-4; Marcos 12:41-44).²³ Essas moedas eram chamadas de leptos (plural: lepta), a menor moeda grega, equivalente a um "quadrante", a moeda romana de menor valor, feita de bronze.²⁵ Um

lepton valia aproximadamente seis minutos da remuneração diária média.²⁵ A história da viúva pobre é um contraponto direto à crítica da unção em Betânia. Enquanto o mundo valoriza a grandeza e a visibilidade das ofertas, Jesus inverte essa lógica. Ele elogia a

viúva que deu "duas pequenas moedas" ²⁵, pois ela deu "tudo o que tinha para viver".²⁴ Isso revela que a medida de Deus para a generosidade não é o valor absoluto da doação, mas a proporção do sacrifício e a devoção do coração. É um lembrete de que o Reino de Deus opera com valores diferentes dos do mundo, onde a humildade e a entrega total são mais valorizadas do que a ostentação.

Oferta	Valor Monetário	Equivalência (Tempo de Trabalho)	Percepção Humana	Percepção de Jesus
Unguento de Nardo Puro	300 Denários ²¹	Salário de quase um ano de trabalho ⁹	"Desperdício" (Marcos 14:4) ²²	"Boa ação", preparação para sepultura (Marcos 14:6-8) ²¹
Duas Pequenas Moedas (Leptos)	Mínimo ²³	Aproximadamente 12 minutos de salário diário ²⁵	Insignificante (Lucas 21:1)	"Mais do que todos", deu tudo o que tinha (Lucas 21:3-4) ²⁴
<i>Tabela 2: O Valor da Devoção: Comparativo de Ofertas</i>				

A Tabela 2 permite um contraste claro e visual entre duas ofertas aparentemente opostas em valor monetário, mas igualmente (ou mais) significativas na perspectiva de Jesus. Ao apresentar o valor monetário e a equivalência de tempo de trabalho ⁹, a tabela quantifica o "custo" de cada oferta.

Mais importante, ela contrasta a "percepção humana" com a "percepção de Jesus", ilustrando graficamente que os valores do Reino de Deus diferem drasticamente dos valores mundanos. Isso ajuda a solidificar a compreensão sobre a verdadeira adoração e generosidade, mostrando que Jesus valoriza a intenção e o sacrifício pessoal acima da riqueza ou da ostentação.

No jardim do Getsêmani, Jesus experimentou uma profunda agonia de espírito, solidão, medo e foi traído, humilhado e abandonado.²⁷ Ele orou intensamente, pedindo que, se

possível, o "cálice" de sofrimento fosse afastado Dele, mas submetendo-se à vontade do Pai: "Não seja o que eu quero, e sim o que tu queres" (Marcos 14:32-42).²⁸ Ele levou consigo Pedro, Tiago e João, mas os encontrou dormindo, revelando a solidão de Sua luta (Marcos 14:37-40).²⁸

O Getsêmani não é apenas um local geográfico, cujo nome significa "lagar de azeite" ²⁹, mas um símbolo da agonia espiritual de Jesus. Sua experiência de solidão, medo e angústia ²⁷ revela Sua plena humanidade, desmistificando a ideia de um Messias distante do sofrimento humano.

Sua oração "não seja a minha vontade, mas a tua" ²⁸ é o ápice da submissão, demonstrando que o caminho para a redenção exigia uma obediência radical, mesmo diante da dor mais intensa. Isso estabelece um modelo para o discipulado: a verdadeira força não está na ausência de medo, mas na submissão à vontade de Deus em meio à adversidade.

3. Contestado em Sua Obra: A Autoridade Divina Questionada

Jesus Cristo foi amplamente contestado na prática da obra de Deus, mas Ele declarou que "as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que eu faço, testificam de mim, que o Pai me enviou" (João 5:36).

Os fariseus, em sua cegueira espiritual, chegaram a blasfemar, alegando que as obras milagrosas de Jesus eram realizadas pelo poder de Belzebu, o "príncipe dos demônios" (Mateus 12:24).³⁰

Belzebu era um nome pejorativo para um deus pagão, associado ao "senhor das moscas" ou "senhor das pestilências", e no Novo Testamento, um adjetivo para Satanás.³⁰ Jesus refutou essa calúnia, afirmando que, se Ele expulsava demônios pelo Espírito de Deus, então o Reino de Deus havia chegado (Mateus 12:28).³⁰ Seus milagres eram prova inegável da presença do Reino de Deus.

A acusação de que Jesus operava por Belzebu representa o auge da oposição religiosa: a atribuição do bem ao mal. Isso não é apenas uma calúnia, mas uma perversão deliberada da verdade, demonstrando que os oponentes de Jesus estavam tão cegos por seus preconceitos e interesses que preferiam negar a origem divina de Seus milagres a

reconhecer Sua autoridade. Essa atitude revela a profundidade da iniquidade e a resistência do coração humano à verdade quando ela ameaça seu status quo.

Jesus afirmou que os fariseus estavam rejeitando a "pedra" que Deus havia escolhido para ser a "cabeça de ângulo" (ou pedra fundamental), cumprindo a profecia do Salmo 118:22: "A pedra, que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça de ângulo" (Mateus 21:42).³² Essa rejeição era "maravilhosa aos olhos de Deus" em seu cumprimento profético, mas trágica para os que a praticavam.³³

A rejeição de Jesus como a "pedra angular" pelos líderes religiosos de Israel é um paradoxo teológico. O que parecia ser uma derrota para Jesus (Sua rejeição e crucificação) era, na verdade, o cumprimento do plano de Deus para estabelecer uma nova aliança. Isso demonstra a soberania de Deus: Ele não apenas prevê a oposição, mas a incorpora em Seus desígnios para alcançar um propósito maior.

A rejeição de Israel abriu caminho para a inclusão dos gentios, expandindo o Reino de Deus de uma forma que os "edificadores" jamais poderiam ter imaginado.

Jesus antecipou que o reino de Deus seria tirado das mãos dos judeus e entregue a uma "nação que dê os seus frutos" (Mateus 21:43).³² A parábola da vinha ilustra a paciência de Deus com Israel (a vinha), que repetidamente rejeitou e maltratou os servos (profetas) enviados por Ele. Finalmente, eles mataram o próprio Filho (Jesus), o herdeiro (Mateus 21:33-39).³⁴

Essa parábola é uma alegoria da história de Israel e do juízo vindouro sobre seus líderes, que seriam "perecer horivelmente" e teriam a vinha arrendada a outros (Mateus 21:41).³⁴ O cumprimento histórico inicial dessas profecias ocorreu com a destruição de Jerusalém e do Templo pelos romanos em 70 d.C..³⁴

A parábola dos lavradores maus não é apenas uma história, mas uma alegoria profética que culmina na transferência do "reino de Deus" de Israel para "uma nação que dê os seus frutos" (Mateus 21:43). Isso implica uma mudança de dispensação, do foco primário em Israel sob a Lei para a Igreja, composta por judeus e gentios, sob a Graça.

A rejeição do Messias por Israel, embora trágica, foi o catalisador para a expansão universal do evangelho. O juízo sobre Israel (dispersão)³⁷ é um testemunho da seriedade

da rejeição divina, mas também um prelúdio para a inclusão de uma "nova nação" (a Igreja) que produziria os frutos desejados por Deus.

Com a dispensação da graça se aproximando do fim, os gentios têm procurado desempenhar o sacerdócio espiritual com grande zelo e dedicação. A Palavra declara: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, o povo adquirido, para que anunciéis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (I Pedro 2:9).³⁹

Isso significa que todos os crentes em Cristo, independentemente de sua origem étnica, são agora sacerdotes, com acesso direto a Deus e a responsabilidade de proclamar Suas virtudes.⁴⁰ A transição do sacerdócio levítico para o "sacerdócio real" dos gentios é uma implicação direta da rejeição da pedra angular e da parábola dos lavradores maus.

Isso demonstra a universalidade do plano de salvação de Deus, que não se restringe a uma etnia, mas se estende a "toda tribo, língua, povo e nação" (Apocalipse 5:9). A Igreja, como o "povo adquirido", assume a responsabilidade de "anunciar as virtudes" de Deus, tornando-se a "nação que dê os seus frutos". Isso redefine a identidade do povo de Deus, enfatizando a fé em Cristo como o critério, e não a descendência física.

4. A Definição de Poder e Grandeza: A Humildade do Servo Sofredor

Jesus Cristo definiu Seu poder e grandeza não pelo domínio, mas pelo serviço e sacrifício: "Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Marcos 10:45).⁷ Sua jornada a Jerusalém, apesar do sofrimento e zombaria previstos (Marcos 10:33-34), era para cumprir essa missão de servir a Deus e dar Sua vida como "resgate" (pagamento, livramento, preço equivalente) pelos pecados da humanidade.⁷

A declaração de Jesus de que Ele veio para "servir e dar a sua vida em resgate por muitos" é uma inversão completa dos conceitos mundanos de poder e grandeza. Em vez de dominar, Ele se humilhou; em vez de ser servido, Ele serviu.

Isso não é apenas um exemplo moral, mas uma verdade teológica fundamental: a verdadeira autoridade no Reino de Deus é exercida através do serviço sacrificial. Isso tem implicações profundas para a liderança cristã e para a compreensão do discipulado, onde a humildade e a entrega são as marcas da verdadeira grandeza.

Filipenses 2:6-8 descreve a kenosis de Jesus: "Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens. E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz".⁴¹ Este "esvaziamento" não significa que Jesus deixou de ser Deus, mas que Ele abriu mão de Seus privilégios divinos e se auto limitou, assumindo a condição humana e a forma de servo, em obediência ao Pai.⁴²

O conceito de kenosis (esvaziamento) em Filipenses 2:6-8 é central para entender a humildade de Jesus. Não é que Deus tenha deixado de ser Deus, mas que Ele voluntariamente se auto limitou, "despojando-se" de seus privilégios divinos para assumir a forma humana e a condição de servo. Isso revela a profundidade do amor de Deus e Sua obediência radical ao plano redentor.

A kenosis de Jesus é o modelo para o esvaziamento de si mesmo que se espera dos Seus seguidores, onde a renúncia da vontade própria e a dedicação ao "Projeto do Pai" ⁴² são o caminho para a verdadeira vida e exaltação.

O pedido ambicioso de Tiago e João por lugares de destaque no Reino de Jesus ("um à tua direita, e outro à tua esquerda" - Marcos 10:37) contrasta fortemente com a missão de serviço de Jesus. Jesus os questionou se poderiam "beber o cálice" que Ele beberia e ser "batizados com o batismo" com que Ele seria batizado (Marcos 10:38). O "cálice" e o "batismo" referem-se ao sofrimento e à morte que Ele enfrentaria, e que Seus discípulos também deveriam estar dispostos a compartilhar (Mateus 20:22-23).⁴³

Jesus ensinou que a grandeza no Reino de Deus não vem do domínio, mas do serviço: "qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal" (Marcos 10:42-43). A resposta de Jesus a Tiago e João sobre o "cálice" e o "batismo" é um divisor de águas na compreensão do discipulado. Não se trata de uma promessa de glória terrena, mas de um convite a uma "comunhão de sofrimentos".⁴³ Isso significa que seguir a Cristo implica uma disposição de "tomar a sua cruz" (Mateus 16:24) ⁴⁵ e abraçar o sofrimento, a renúncia e a entrega de corpo, alma e espírito a Deus.⁴⁴

A verdadeira grandeza no Reino de Deus é paradoxalmente encontrada na humildade e no serviço sacrificial, em contraste com a ambição mundana por poder e destaque.

Jesus prometeu aos discípulos que O seguiram que, "na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vós vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel" (Mateus 19:28).⁴⁷ Esta promessa se refere ao reinado milenar de Cristo na Terra, onde os santos com corpos glorificados (incluindo a Igreja e os mártires) reinarão com Ele.⁴⁷

A promessa dos doze tronos no reinado milenar serve como uma poderosa motivação para a perseverança dos discípulos em meio ao sofrimento e à perseguição. Embora o caminho de Cristo exija a cruz e o cálice de sofrimento no presente, há uma glória futura garantida para aqueles que permanecem fiéis. Isso estabelece uma perspectiva escatológica para o discipulado, onde as dificuldades terrenas são temporárias e a recompensa eterna é certa.

A promessa de Jesus de que Tiago e João beberiam o mesmo "cálice" de sofrimento se cumpriu. Tiago foi morto à espada por Herodes (Atos 12:1-2) ⁴⁹, sendo o primeiro mártir apostólico. João foi exilado na ilha de Patmos "por causa da palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo" (Apocalipse 1:9) ⁵¹, onde também bebeu o "cálice" do desprezo e da perseguição.

O cumprimento da profecia de Jesus sobre o "cálice" de sofrimento na vida de Tiago e João demonstra que o chamado ao discipulado não é apenas teórico, mas uma realidade vivida de participação nas aflições de Cristo. Isso valida a seriedade do que Jesus pediu e mostra que a fidelidade a Ele muitas vezes implica em perseguição e sacrifício pessoal. É um testemunho da verdade de que "se padecemos com ele, também com ele reinaremos" (Romanos 8:17).

5. As Advertências aos Discípulos: Sinais dos Últimos Dias

Jesus preveniu os discípulos contra o perigo dos falsos cristos: "Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão muitos" (Mateus 24:5).

Jesus predisse a completa destruição do Templo de Jerusalém: "Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada" (Mateus 24:2).³⁵ Essa profecia se cumpriu dramaticamente em 70 d.C., quando o Templo foi destruído pelos romanos sob o comando de Tito, resultando em grande aflição para Jerusalém.³⁵ Para os discípulos, a destruição do Templo, que era o centro do culto e o alicerce do reino messiânico, significava o "fim de tudo".³⁵ Eles ainda não haviam compreendido o valor redentor da

cruz (João 1:11).³⁶ A profecia da destruição do Templo não é apenas um evento histórico, mas um sinal do juízo divino sobre a rejeição de Israel a Jesus e o fim de uma era.

A "pedra sobre pedra" que não ficaria ³⁵ simboliza o colapso do sistema religioso judaico que havia rejeitado o Messias. Isso corrobora a autoridade de Cristo como profeta e Messias ³⁶ e estabelece um marco para a transição para a nova aliança, onde o culto a Deus não estaria mais ligado a um templo físico, mas seria "em espírito e em verdade" (João 4:23-24).

Em resposta às perguntas dos discípulos sobre o "sinal da tua vinda, e do fim do mundo" (Mateus 24:3), Jesus os advertiu sobre a necessidade de vigilância e revelou vários sinais.

A persistência da decepção espiritual como um sinal contínuo dos últimos dias é evidente na advertência de Jesus sobre "falsos cristos e falsos profetas" (Mateus 24:5, 11).⁵⁴ A história registra diversos indivíduos que se autoproclamaram Messias ou foram considerados tal por seus seguidores, desde os primeiros séculos até os dias atuais, como John Nichols Thom, Arnold Potter e Miranda.⁵⁴

Paulo também advertiu contra "filosofias e vãs subtilezas" (Colossenses 2:8).⁵³ A presença dessas figuras demonstra a vulnerabilidade humana à decepção e a necessidade de discernimento espiritual. Isso implica que a vigilância espiritual (Mateus 24:42) é uma característica essencial do crente nos últimos dias, pois a falsidade se manifesta de diversas formas, desde heresias doutrinárias ⁵⁶ até a negação da divindade de Cristo.

Jesus predisse conflitos intensos entre as nações, afirmando que "é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim" (Mateus 24:6-7).⁵⁷ A menção de "guerras e rumores de guerras" como um sinal do fim dos tempos, juntamente com fomes, pestes e terremotos (Mateus 24:7), indica que esses eventos não são o fim em si, mas o "princípio de dores" (Mateus 24:8).

Isso sugere uma intensificação e recorrência desses fenômenos, que servem como "contrações" que anunciam a proximidade do nascimento de uma nova era. A compreensão disso é que o mundo não caminha para uma paz universal por meios

humanos, mas para um aumento da turbulência que aponta para a intervenção divina final.

Jesus advertiu que Seus seguidores seriam odiados e perseguidos por causa de Seu nome, sofrendo e morrendo em todo o mundo (Mateus 24:9).⁵⁸ A história do cristianismo é marcada por perseguições desde o primeiro século (Estêvão, Atos 7:58) até os dias atuais, com a perseguição aos cristãos sendo pior hoje do que em qualquer outro período da história em termos de número e severidade.⁵⁹

A profecia de Jesus sobre a perseguição aos Seus seguidores e o testemunho histórico revelam que a perseguição não é uma exceção, mas uma expectativa para aqueles que vivem fielmente. Isso implica que a hostilidade do mundo contra o evangelho é uma constante, e que a fé verdadeira muitas vezes se manifesta na resiliência em face da adversidade. A perseguição, embora dolorosa, serve para purificar a Igreja e espalhar a mensagem, pois o sangue dos mártires se torna semente de novos crentes.

"E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará" (Mateus 24:12).⁶¹ Isso se refere não apenas ao amor humano, mas também ao amor a Deus e à espiritualidade, resultado do afastamento dos princípios divinos.⁶¹

A profecia do "esfriamento do amor" devido à "multiplicação da iniquidade" estabelece uma clara relação de causa e efeito entre a decadência moral da sociedade e a diminuição da vitalidade espiritual dos crentes. Isso implica que o pecado não é apenas uma transgressão individual, mas tem um efeito corrosivo sobre as relações humanas e a comunhão com Deus.

É um alerta para a necessidade de vigilância pessoal e comunitária contra a conformidade com o mundo e a manutenção de uma vida de oração e estudo da Palavra para "aquecer o amor".⁶¹

O sinal final e mais abrangente antes do "fim" é a pregação mundial do Evangelho do Reino: "E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim" (Mateus 24:14).⁵⁸

Isso implica que a evangelização global não é apenas uma tarefa da Igreja, mas um componente essencial do plano escatológico de Deus. É a garantia de que a mensagem de Cristo alcançará todas as nações como um testemunho, preparando o caminho para

Sua segunda vinda. Isso confere urgência e propósito à Grande Comissão, mostrando que o cumprimento da missão é diretamente ligado ao cumprimento da profecia.

Sinal Profético (Mateus 24)	Cumprimento Histórico/ Contemporâneo
Destruição do Templo (v. 2)	Destruição de Jerusalém em 70 d.C. ³⁵
Falsos Cristos (v. 5)	Exemplos históricos de falsos messias ⁵⁴
Guerras e Rumores de Guerras (v. 6-7)	Conflitos globais contínuos ⁵⁷
Perseguições (v. 9)	Perseguição crescente aos cristãos ⁵⁹
Falsos Profetas (v. 11)	Heresias e desvios doutrinários na igreja ⁵⁵
Esfriamento do Amor (v. 12)	Aumento da iniquidade e egoísmo ⁶¹
Evangelho Pregado Mundialmente (v. 14)	Expansão missionária global ⁶³
<i>Tabela 3: Sinais dos Últimos Dias: Profecia e Cumprimento</i>	

A Tabela 3 organiza de forma clara e concisa os múltiplos sinais profetizados por Jesus em Mateus 24, facilitando a visualização e a compreensão. Ao lado de cada profecia, a tabela apresenta evidências de seu cumprimento histórico e contemporâneo, reforçando a veracidade das palavras de Jesus e a relevância profética dos eventos atuais.

A tabela serve como um lembrete visual dos "sinais dos tempos", incentivando o leitor à vigilância espiritual e à compreensão do contexto escatológico em que se vive. Ajuda a concretizar o conceito de "princípio das dores" (Mateus 24:8), mostrando que esses sinais são um processo contínuo e crescente.

6. A Perseguição dos Judeus Religiosos: A Rejeição do Messias Prometido

Jesus Cristo foi incessantemente perseguido pelos judeus religiosos, que se recusaram a recebê-Lo como o Messias, o enviado de Deus: "Veio para o que era seu, e os seus não o

receberam" (João 1:11). Sua rejeição foi explícita: "Não queremos que este reine sobre nós" (Lucas 19:14).

No início de Seu ministério, em Nazaré, Jesus foi recebido com ira após ler Isaías 61:1-2 e declarar Sua missão: "O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração. A apregoar a liberdade aos cativos, e dar vistas aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor" (Lucas 4:18-19).⁶⁵

Os presentes na sinagoga se encheram de fúria e O expulsaram da cidade, levando-o até o cume de um monte para precipitá-lo. Contudo, Jesus se retirou milagrosamente, passando pelo meio deles (Lucas 4:28-30).⁶⁵ Isso o forçou a mudar Sua residência para Cafarnaum, onde pregava à beira do Mar da Galileia e Sua doutrina era admirada por Sua autoridade (Lucas 4:31-32).⁶⁵

A rejeição de Jesus em Sua própria cidade natal, Nazaré ⁶⁵, é um padrão que se repetiria ao longo de Seu ministério. Isso demonstra a dificuldade humana em aceitar a verdade quando ela vem de uma fonte inesperada ou quando desafia as expectativas e preconceitos existentes.

A fúria da sinagoga (Lucas 4:28) revela a resistência à mensagem de Jesus, que, embora libertadora, confrontava a complacência e a religiosidade superficial. Isso implica que a verdade, mesmo vinda de Deus, pode ser rejeitada por aqueles que se apegam a suas próprias ideias ou tradições.

Os judeus religiosos intensificaram sua perseguição a Jesus por Ele realizar curas no dia de sábado (João 5:16).⁶⁷ Para eles, carregar uma maca no sábado era considerado trabalho e, portanto, proibido pela lei judaica.⁶⁸ Jesus, porém, afirmou: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (João 5:17), indicando Sua autoridade divina sobre o sábado. As controvérsias do sábado ilustram o conflito central entre a religiosidade legalista e a graça de Deus manifestada em Jesus.

Os líderes religiosos estavam mais preocupados com a observância literal da lei do sábado do que com a compaixão e o poder de cura de Deus. A resposta de Jesus não apenas afirma Sua divindade, mas também revela que o propósito do sábado era para o bem do homem, não o contrário. Isso implica que a verdadeira fé busca o espírito da lei,

que é o amor e a misericórdia, e não se prende a rituais vazios que impedem a obra de Deus.

A perseguição se agravou porque Jesus afirmava ser Filho de Deus, fazendo-Se igual a Deus (João 5:18).⁶⁹ Jesus explicou que Suas obras eram as obras do Pai, revelando Sua unidade e dependência, e que Ele tinha o poder de ressuscitar os mortos e julgar (João 5:19-22).⁶⁷ A alegação de Jesus de ser o Filho de Deus e de ser "igual a Deus" ⁶⁹ foi o principal motivo para a perseguição e a eventual condenação à morte.

Para os líderes religiosos, essa afirmação era blasfêmia. Isso demonstra que a identidade de Jesus como Deus encarnado é a verdade central e mais controversa do cristianismo. A incapacidade de reconhecer Sua divindade, apesar das evidências de Suas obras e palavras, levou à Sua rejeição e crucificação. Isso implica que a aceitação ou rejeição de Jesus como Deus é o ponto crucial da fé.

A perseguição tornou-se ainda mais intensa no final do ministério de Jesus, com fariseus exigindo sinais do céu (Marcos 8:10). Após a ressurreição de Lázaro e a entrada triunfal em Jerusalém (João 11:43-44, João 12:12-15) ²⁰, a preocupação dos fariseus com a multidão que O seguia aumentou drasticamente (João 12:19).²⁰

Os principais sacerdotes e escribas conspiravam sobre como prendê-Lo com dolo e matá-Lo, evitando a festa da Páscoa para não causar tumulto entre o povo (Marcos 14:1-2).⁷² Finalmente, Jesus foi preso pela traição de Judas Iscariotes no Getsêmani (Marcos 14:44-46). A intensificação da perseguição não foi aleatória, mas diretamente proporcional ao aumento da popularidade e influência de Jesus, especialmente após milagres como a ressurreição de Lázaro e Sua entrada triunfal.

Isso revela que a oposição ao Reino de Deus muitas vezes cresce à medida que a luz da verdade se espalha e ameaça os sistemas de poder estabelecidos. A decisão de prendê-Lo "com dolo" e evitar tumultos durante a Páscoa demonstra a astúcia e o medo dos líderes religiosos de perderem o controle sobre o povo.

7. A Revelação de Sua Morte: O Plano Eterno de Redenção

Jesus Cristo falou de Sua morte aos discípulos pela primeira vez, ciente do caminho que tinha a percorrer para cumprir a missão de Deus: "Desde então começou a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos

principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia" (Mateus 16:21).⁷⁴

Ao ouvir essa declaração, Pedro, num ato de compaixão humana, tentou desviar o Senhor de tal pensamento: "Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso" (Mateus 16:22).⁷⁴ Jesus o repreendeu duramente: "Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens" (Mateus 16:23).⁷⁴

Jesus aproveitou a ocasião para ensinar aos discípulos a importância de renunciar a si mesmos, tomar sua cruz e segui-Lo. Aqueles que buscam salvar a vida por seus próprios meios a perderão, mas os que a perdem por amor a Cristo a encontrarão (Mateus 16:24-25).⁴⁵ A repreensão de Jesus a Pedro, chamando-o de "Satanás", é chocante, mas revela a profundidade da tentação de evitar o sofrimento. Pedro, embora bem-intencionado, estava pensando "como um ser humano" e não "como Deus".

Isso implica que a resistência ao caminho sacrificial não é apenas uma fraqueza humana, mas pode ser uma ferramenta do adversário para desviar do plano divino. O chamado a "tomar a cruz" é um convite radical à renúncia de si mesmo e à disposição de morrer para o ego, a fim de seguir o caminho de Cristo e encontrar a verdadeira vida.

Jesus Cristo falou de Sua morte aos discípulos pela segunda vez na Galileia: "Ora, achando-se eles na Galileia, disse-lhes Jesus: O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens. E matá-lo-ão, e ao terceiro dia ressuscitará. E eles se entristeceram muito" (Mateus 17:22-23).⁷⁶ Os discípulos jamais imaginaram que o Senhor teria de morrer para instalar Seu reino.

Eles pensavam que os inimigos seriam subjugados após Sua entrada triunfal em Jerusalém, com a aclamação do povo (João 12:13). A verdadeira compreensão do propósito de Deus viria somente após a glorificação de Jesus (João 12:16). O clamor de Israel por libertação do jugo romano era intenso. Eles ansiavam por um novo Moisés que libertasse o povo de forma visível e política, e não por um Messias sofredor.⁷⁸

A última advertência de Jesus sobre Sua morte aos discípulos ocorreu enquanto subiam para Jerusalém. Ele os chamou à parte e lhes disse: "Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e condená-

lo-ão à morte" (Mateus 20:17-18).⁸⁰ As três advertências progressivas de Jesus sobre Sua morte sublinham a centralidade e a inevitabilidade de Seu sacrifício no plano de Deus. A repetição demonstra a dificuldade dos discípulos em aceitar um Messias sofredor, pois suas expectativas eram de um libertador político.

A tristeza e a incompreensão dos discípulos (Mateus 17:23) revelam a profunda dissonância entre a lógica humana e a sabedoria divina. Isso implica que a morte de Cristo não foi um acidente, mas um propósito deliberado e fundamental para a redenção, que só seria plenamente compreendido após Sua glorificação (João 12:16).

A morte de Jesus Cristo não foi um acidente, mas estava prevista desde a eternidade. O Deus onisciente sabia que a humanidade ficaria escravizada pelo pecado, e para libertá-la seria necessário o sacrifício de Seu Filho unigênito: "...do cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Apocalipse 13:8).⁸²

A declaração de que Jesus foi o "Cordeiro morto desde a fundação do mundo" eleva o sacrifício de Cristo de um evento histórico para um propósito eterno. Isso implica que a redenção da humanidade não foi uma reação a uma queda inesperada, mas parte do plano soberano de Deus desde antes da criação.

Essa perspectiva confere uma profundidade imensa ao amor e à providência divina, mostrando que a salvação é um desígnio eterno, garantido pelo sacrifício de Cristo, independentemente das ações humanas.

A crucificação foi executada pelos soldados romanos, sob o mandato de Pôncio Pilatos. Vestiram-No de púrpura e Lhe puseram uma coroa de espinhos na cabeça. Acima Dele, um título em letras gregas, romanas e judaicas proclamava ironicamente: "...ESTE É O REI DOS JUDEUS" (Lucas 23:38).⁸⁴ Os príncipes dos sacerdotes zombavam Dele, dizendo: "...Aos outros salvou; salve-se a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus" (Lucas 23:35).⁸⁴

Até mesmo os soldados romanos escarneciam: "...Se tu és o rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo" (Lucas 23:37).⁸⁴ A crucificação, com toda a sua zombaria e humilhação ⁸⁴, representa o clímax do sofrimento de Jesus. No entanto, o que parecia ser a derrota final foi, na verdade, o ápice da vitória divina sobre o pecado e a morte. A ironia do título "REI DOS JUDEUS" e as zombarias sublinham a incompreensão humana do verdadeiro poder

e realza de Cristo, que se manifestam não na força bruta, mas no sacrifício vicário. Isso implica que a cruz, embora um escândalo para muitos, é a glória do cristianismo, onde o plano eterno de Deus foi perfeitamente cumprido.

Conclusão: O Triunfo da Cruz e a Esperança da Glória

A jornada de Jesus Cristo, marcada pela traição de um amigo íntimo, a contestação implacável de Sua autoridade e a perseguição incessante de líderes religiosos, culminou na cruz. No entanto, cada um desses desafios não foi um desvio, mas um passo essencial no cumprimento do plano eterno de Deus para a redenção da humanidade. A traição de Judas, a oposição dos fariseus e a dor do Getsêmani são fios que se entrelaçam na tapeçaria da salvação, revelando a soberania divina e o amor sacrificial de Cristo.

As implicações para a fé e a vida do crente hoje são profundas. Primeiramente, a realidade da traição e da oposição, mesmo de dentro de círculos próximos, é uma expectativa para os seguidores de Cristo, assim como foi para Ele.

A história de Jesus prepara para essa realidade e encoraja a não se surpreender com a adversidade. Em segundo lugar, a verdadeira grandeza se encontra na disposição de servir e, se necessário, sofrer, seguindo o exemplo de Cristo que se esvaziou de Sua glória.

Além disso, a soberania de Deus em meio ao mal é um pilar de esperança; mesmo os atos mais perversos, como a traição e a crucificação, foram usados por Deus para cumprir Seus propósitos redentores. Isso oferece a certeza de que Deus pode usar as adversidades pessoais para Sua glória.

A vigilância e o discernimento são essenciais, pois os sinais dos últimos dias chamam à atenção espiritual, à defesa contra falsas doutrinas e ao amor perseverante em um mundo que esfria. Finalmente, a esperança da glória futura, manifestada na promessa do reinado milenar e na volta de Cristo, motiva a perseverar, sabendo que o sofrimento presente é temporário e a recompensa eterna é certa. A cruz, que parecia ser o fim, foi o começo de uma nova vida e de uma esperança gloriosa para todos que creem.

Glossário Detalhado

- **Abstemiência:** Abstenção de algo, geralmente por motivos religiosos ou morais.

- **Açoitado:** Ser golpeado com chicotes; flagelado.
- **Alabastro:** Um tipo de pedra translúcida, muitas vezes usada para fazer vasos e recipientes para unguentos.
- **Anti-Cristo:** Na teologia cristã, uma figura que se oporá a Cristo e Seus seguidores nos últimos dias.
- **Apostasia:** O abandono ou a renúncia da fé religiosa que antes se professava.
- **Belzebu:** Um dos nomes de um demônio ou do "príncipe dos demônios", usado pelos fariseus para caluniar Jesus.³⁰
- **Cenáculo:** Um aposento superior em uma casa, frequentemente usado para refeições e reuniões, como a Última Ceia.
- **Dolo:** Fraude, engano, artimanha com o objetivo de enganar alguém.
- **Escândalo (escandalizar):** No contexto bíblico, causar alguém a tropeçar, a cair na fé ou a pecar.
- **Escarnecer:** Zombar, caçoar de forma depreciativa, ridicularizar.
- **Exilado:** Forçado a deixar sua terra natal ou país.
- **Fanáticos:** Pessoas com entusiasmo ou devoção excessiva e irracional a uma causa ou crença.
- **Getsêmani:** Jardim no Monte das Oliveiras, onde Jesus orou e foi preso. O nome significa "prensa de azeitonas", simbolizando a agonia de Cristo.²⁹
- **Glorificação:** O processo de ser exaltado à glória divina; no caso de Jesus, Sua ascensão e exaltação.
- **Hosana:** Expressão de louvor e súplica, que significa "salva, por favor" ou "salva agora".
- **Impetuosidade:** Caráter de quem age por impulso, sem pensar nas consequências.
- **Iniquidade:** Maldade, injustiça, perversidade, especialmente no sentido moral e espiritual.

- **Kenosis:** Do grego kenoun, "esvaziar". Termo teológico que descreve o "esvaziamento" de Cristo de Seus privilégios divinos ao assumir a forma humana e de servo (Filipenses 2:6-8).⁴¹
- **Lagar:** Tanque ou recipiente onde as uvas ou azeitonas são prensadas para extrair suco ou azeite.
- **Legiões de Anjos:** Uma grande quantidade de anjos, referência à organização militar romana.
- **Lepton (Leptos):** A menor moeda judaica de cobre ou bronze na época de Jesus, de pouquíssimo valor.²⁵
- **Malco:** Servo do sumo sacerdote cuja orelha foi cortada por Pedro durante a prisão de Jesus.
- **Mártir:** Pessoa que sofre morte ou grande perseguição por sua fé ou causa.
- **Messias:** O "Ungido" de Deus, o salvador prometido no Antigo Testamento.
- **Milênio:** Período de mil anos; na escatologia cristã, o reinado literal de mil anos de Cristo na Terra.⁴⁷
- **Mirradas (mãos):** Mãos atrofiadas, secas, incapazes de trabalhar ou ajudar. No sentido figurado, incapacidade de fazer o bem.
- **Nardo puro:** Um tipo de perfume muito caro, feito da planta nardo.²¹
- **Onisciência:** Atributo de Deus que significa conhecimento total e ilimitado de todas as coisas.
- **Páscoa:** Festa judaica que celebra a libertação do povo de Israel do Egito.
- **Patmos:** Ilha no Mar Egeu para onde o apóstolo João foi exilado.⁵¹
- **Pôncio Pilatos:** Governador romano que condenou Jesus à crucificação.
- **Primícias:** Primeiros frutos de uma colheita, oferecidos a Deus como gratidão.
- **Príncipes dos Sacerdotes:** Líderes religiosos judeus de alta patente.
- **Profanar:** Tratar com desrespeito ou irreverência algo que é sagrado.
- **Propiciação:** Ato de aplacar a ira divina, satisfazer a justiça de Deus através de um sacrifício.

- **Púrpura:** Corante caro, associado à realeza e à riqueza.
- **Quadrante:** Moeda romana de menor valor, equivalente a dois leptos.²⁵
- **Regeneração:** Novo nascimento espiritual; o ato de Deus de conceder nova vida a um pecador.
- **Resgate:** O ato de libertar alguém de uma situação de cativeiro ou perigo mediante um pagamento, no caso de Jesus, o preço pago por Sua vida para libertar a humanidade do pecado e da morte.⁷
- **Rudimentos do Mundo:** Princípios básicos ou elementares do mundo, frequentemente usados em um sentido negativo para se referir a ensinamentos humanos ou carnais.
- **Sinagoga:** Local de reunião e adoração judaica.
- **Sinédrio:** O supremo conselho judaico, a mais alta corte religiosa.
- **Testamento (Novo Testamento):** Pacto ou aliança entre Deus e a humanidade, selado pelo sangue de Jesus.
- **Tumulto:** Grande desordem, agitação, confusão popular.
- **Umbrais e Vergas:** Partes da estrutura de uma porta (laterais e superior).
- **Unguento:** Substância oleosa, perfumada ou medicinal.
- **Vagarosos no Cuidado:** Lentos ou negligentes em suas responsabilidades ou zelo espiritual.
- **Valado:** Cerca ou muro para proteger uma propriedade.
- **Varapaus:** Bastões ou porretes.

Referências Bibliográficas

- Mateus 26:24; 26:15; 27:7; 21:42; 21:43; 21:33-39; 19:28; 24:2; 24:5; 24:6-7; 24:9; 24:11; 24:12; 24:14; 16:21; 16:22-23; 16:24-25; 17:22-23; 20:17-18; 27:27-38.
- Marcos 14:1-2; 14:3; 14:4-5; 14:6-7; 10:45; 10:33-34; 10:37; 10:38; 10:41; 10:42-43; 14:32-42; 8:10; 14:44-46.

- Lucas 22:48; 19:47-48; 22:6; 18:10; 18:11; 22:51; 26:53-54; 17:15-16; 21:1-3; 19:14; 4:18-19; 4:28-30; 4:31-32; 5:17; 5:16; 5:18; 5:19; 5:21-22; 23:38; 23:35-37.
- João 13:27; 18:6; 18:8-9; 11:53; 11:43-44; 12:12-15; 12:19; 1:11; 15:24; 2:23-24; 1:11; 5:43; 18:36; 5:36; 5:16; 5:18; 5:19; 5:21-22; 12:13; 12:16; 18:22-23.
- Atos 3:14-15; 12:1-2; 7:58.
- I Pedro 2:9.
- Filipenses 2:6-8.
- Hebreus 10:29.
- Apocalipse 1:9; 13:8.
- Zacarias 11:12.
- Salmo 41:9.
- Êxodo 21:32.
- Daniel 9:27.
- Isaías 53:7.
- Colossenses 2:8.
- I Timóteo 4:1.